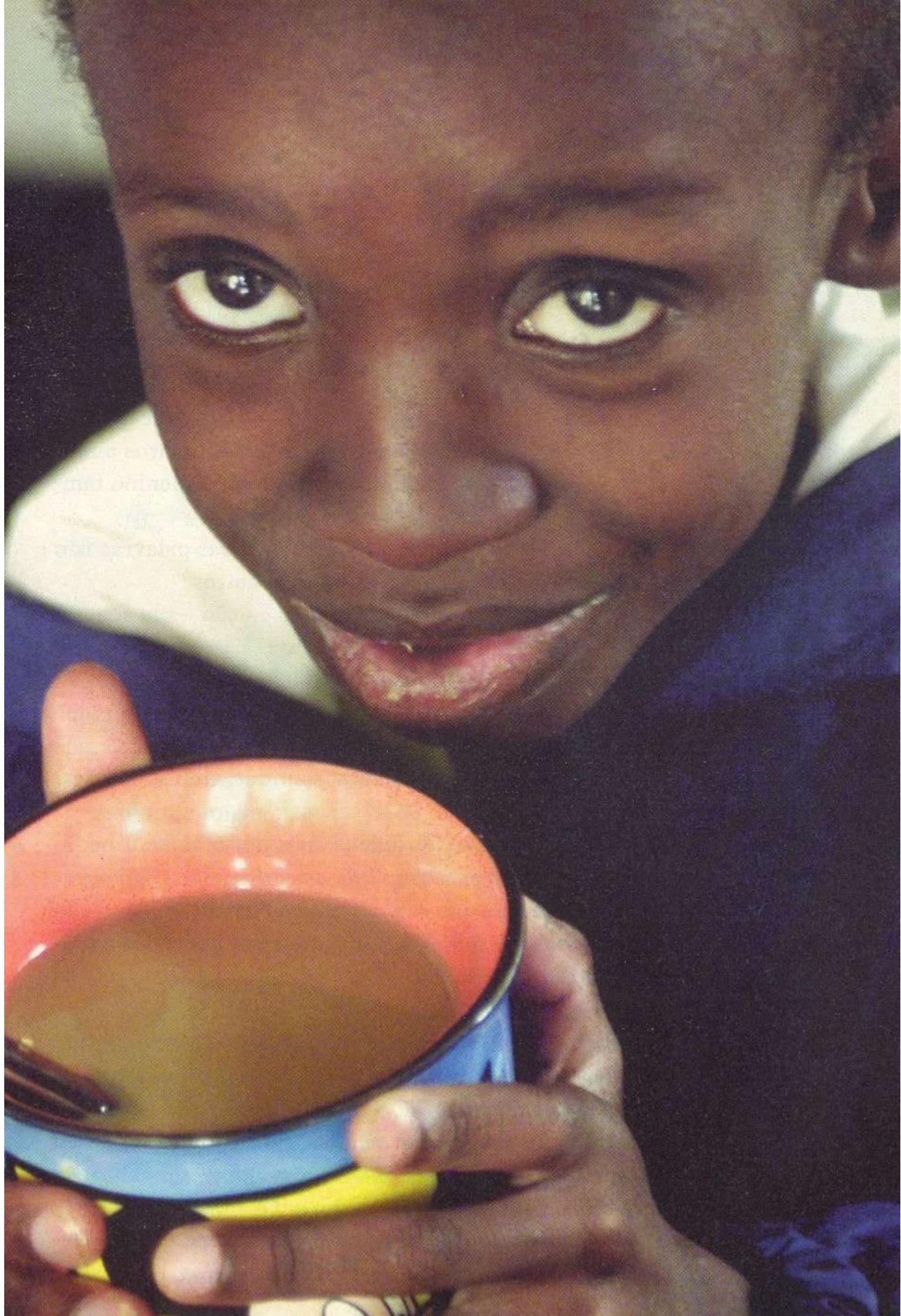


LIVRO DO MÊS

SOMOS TODOS IGUAIS

Seu corpo franzino
foi consumido pela
Aids. Mas seu
coração enorme
inspirou uma nação.

POR JIM WOOTEN



ENCONTRO CRUCIAL

A O ME APROXIMAR daquela casa, ouvi a voz de uma criança do outro lado de uma cerca viva. Viajara milhares de quilômetros até o fim da África para ver esse garoto. Dei uma olhada através da moita e vi um menininho andando de um lado para o outro. “Somos todos iguais”, dizia. Ele parava, olhava para o papel em suas mãos, depois olhava para longe. “Não somos diferentes uns dos outros. Todos nós pertencemos a uma família.”

A voz fraca combinava com o corpo frágil. Suas roupas eram grandes demais, as calças arrastavam pelo chão. Achei impossível que tivesse 11 anos. Ele possuía um certo charme ingênuo – desde os primeiros minutos, fiquei cativado por sua discreta inocência. E, é claro, o menino também era engraçadinho.

“Somos todos iguais”, dizia novamente. Percebi que suas palavras não me soavam estranhas. “Não somos diferentes uns dos outros.”

De repente, lembrei. Ele estava recitando uma adaptação – sua adaptação, como veria depois – das memoráveis palavras proferidas pelo personagem Shylock, no *Mercador de Veneza*, de Shakespeare:

“Sou um judeu.

Não têm os judeus olhos?

Não têm os judeus mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afetos, paixões? Se nos ferirem, não sangramos?”

A criança não recitava por causa dos judeus, mas por uma enorme família na qual não pedira para entrar: os milhões de africanos portadores de um vírus mortal, uma infecção que os estigmatiza como os leprosos do novo milênio. A criança recitava por eles, por si mesma e por todos os caluniados e marginalizados da Terra.

“Todos pertencemos a uma família.

Amamos e rimos.

Sofremos e choramos.

Vivemos...”

Ele parou, abriu os braços, as palmas viradas para cima, e encolheu seus ombros estreitos.

“...e morremos.”

Entrei na casa, atordoado pelo impacto que o menino me causara na-



"Somos todos iguais."
Nkosi ensaia suas falas
no jardim da família.

quele breve momento. Eu tinha perguntas para três ou quatro entrevistas, para cinco ou seis reportagens – tais como: *Quem era essa criança e de onde vinha?*, *Como conseguia ter tanta fibra?* e *O que lhe aconteceria?*

Esse foi o início, naquela tarde da primavera de 2000. Procurei encontrar as respostas para essas questões durante o ano que se seguiu. Eu também desenterrei um tesouro que enriqueceria minha vida para sempre. Eu conheci Nkosi.

"ONDE PEGOU ESSE NENÉM?"

ELE NASCEU EM UMA ALDEIA zulu, sem nome, de barracos de zinco e papelão prensado. Sua avó, Ruth Khumalo, chegou lá ainda criança.

Começando já na adolescência, Ruth daria à luz vários filhos. Sua filha Daphne nasceu em 1969, e sua vida era uma réplica da de sua mãe – temporadas intermináveis de desesperança e, aos 16 anos, a gravidez. Em 1985, Daphne deu à luz uma menina que chamou de Mbali.

O segundo bebê de Daphne ocupava tão pouco espaço em seu útero

que as amigas implicavam com ela. Sua meia-irmã mais jovem, Cynthia, lembra das perguntas: “Por que você não parece uma bola como todas nós?”, “Você dormiu com um anão?” e “Menina, onde pegou esse neném?”

Daphne contou a Cynthia que o pai de seu novo bebê não era o pai de Mbali. Mas, sim, ele era um zulu.

No quarto dia de fevereiro de 1989, Daphne deu à luz o bebê em uma clínica precária, depois o levou de volta para seu povoado lamacento. O menino era pequenino, pesava cerca de dois quilos. Suas fossas nasais estavam obstruídas, e a respiração era difícil. Mbali perguntou seu nome. Daphne pensou por um momento: “O nome do bebê é Xolani e, como você, Nkosi. Mbali Nkosi. Xolani Nkosi. A mesma coisa.”

A identidade do pai continuaria sendo o segredo de Daphne. Mas quem quer que fosse, não era insignificante. Ele foi a pessoa mais importante

O médico disse que havia uma possibilidade de a doença do garoto ser decorrente da Aids.

que Daphne conhecera, pois tinha fecundado seu jovem corpo com a morte. Daphne não tinha ainda 20 anos, mas estava morrendo – e, exatamente no primeiro dia de sua vida, também o estava seu filhinho.

Conforme os meses passavam, Daphne percebia que o menino estava doente. A respiração não melhorava, suas vias respiratórias continuavam bloqueadas. A boca estava cheia de feridas e ele tinha uma tosse crônica.

Cynthia recorda: “Ele simplesmente não parecia melhorar nunca. Era tão pequenininho... E estava doente o tempo todo.” Poucos na aldeia achavam que o menino sobreviveria ao primeiro ano. Mas de algum modo ele o fez, comemorando seu aniversário em fevereiro de 1990, na mesma semana em que o presidente sul-africano F.W. de Klerk repudiou o *apartheid* e libertou Nelson Mandela da prisão.

Daphne e sua família sabiam de Mandela, mas, de acordo com Cynthia, sua irmã “só se importava com o bebê, nada mais tinha relevância para ela”. Daphne tentava tudo o que podia, mas nada funcionava. Finalmente,

decidiu se mudar, procurar algo melhor para ela e os filhos. Além disso, disse a Cynthia que estava preocupada com sua própria saúde. Parecia não ter mais a mesma energia de antes. “Mas”, lembrou Cynthia, “ela disse que tudo ficaria bem se conseguisse encontrar alguém que ajudasse seu bebê.”

Daphne deixou Mbali e Xolani com a mãe e pegou um ônibus para Johannesburgo. Foi contratada como faxineira de um salão de beleza e encontrou dois quartos numa casa em ruínas. Apesar de sua pouca energia, trabalhava duro, economizava e, antes do fim do ano, voltou para buscar a família.

Os cinco – Daphne, a mãe, a irmã e os dois filhos – partiram para Johannesburgo com todos os bens materiais nas costas. Por um período, a vida foi melhor, até Daphne ir a um hospital da cidade. O médico a examinou e coletou sangue para exame. Comunicou a ela que estava com *ingculaza*, a palavra em zulu para Aids.

Daphne disse a Cynthia que não estava surpresa. O médico que examinara o menino já tinha dito que havia uma possibilidade de sua doença ser resultado de infecção por HIV – e que, se fosse o caso, a própria Daphne provavelmente estaria infectada. Daphne contou a Cynthia: “Ele disse que eu posso ter passado a doença para Xolani.”

Ela não contou a ninguém sobre o diagnóstico. Sabia do que acontecera a outros – alguns tinham sido agredidos, outros, expulsos de suas casas. No entanto, o segredo não durou muito tempo. O médico ligou para o salão onde ela trabalhava, e Daphne logo foi demitida. No período de uma semana, mais ou menos, os cinco foram despejados de suas miseráveis acomodações.

Daphne começou a procurar freneticamente outro lugar para viver. Acabou encontrando um barracão vazio em um acampamento de grileiros fora de Daveyton, nos arredores de Johannesburgo, outra parada sem esperanças na desesperada jornada de suas vidas.

UMA MULHER DECIDIDA

EM 1989, ANO em que Nkosi nasceu, outra mulher sul-africana estava vivendo em uma África do Sul completamente diferente. Ela morava numa residência espaçosa de dois andares, numa rua arborizada, cercada por

muros altos. Sua casa tinha quatro quartos, dois banheiros, e uma copa-cozinha equipada com os mais modernos eletrodomésticos. Era o lar de Gail Johnson, seu marido, Alan, a filha mais nova e o filho adolescente. Eles não eram ricos. Mas faziam parte da classe média alta e, ao contrário de Daphne, Cynthia e Ruth, estavam em ascensão social.

Alan Johnson emigrara da Inglaterra para trabalhar para a South African Broadcasting Corp., antes de abrir sua própria produtora. Gail tinha uma empresa de relações públicas. Mas nem tudo era perfeito, principalmente para Gail.

Como outros brancos bem-intencionados na África do Sul, havia muito que ela se horrorizava com a repressão do governo aos negros. Não parecia ter solução, e um sentimento de impotência atormentava sua consciência.

Daphne encontrou um bilhete ameaçador. **Dizia apenas: saia!**

Na época, ela não era mais sensível do que qualquer outra pessoa à emergente devastação causada pela Aids. Não fazia idéia de que mulheres como Daphne estavam transmitindo o vírus para seus bebês. Para Gail, a Aids continuava sendo a doença dos homossexuais masculinos – e, mesmo isso, ela só conhecia por alto.

Mas, numa manhã de 1990, Gail recebeu a ligação de uma amiga. Elas foram visitar o irmão mais velho da amiga, que estava na fase terminal da Aids. “Fiquei horrorizada com sua aparência”, disse Gail, mais tarde. “Era quase literalmente pele e osso. Lá estava ele, sozinho naquele apartamento escuro e sujo. A doença fora sua sentença de morte, e ele estava em sua cela, esperando pela execução.”

A amiga de Gail disse que a família rejeitara o irmão por causa da sua homossexualidade.

– Então quem cuida dele? – perguntou Gail.

– Só eu – respondeu a amiga. – Quando posso.

Gail disse mais tarde: “O que vi naquele apartamento foi terrível. Aquele homem morrendo inteiramente só, sem ninguém com quem conversar, ninguém que sorrisse para ele. Foi insuportável.”

Ela estava decidida a fazer algo. Começou a pesquisar sobre a Aids e a comunidade homossexual de Johannesburgo. Consultou colegas de trabalho e descobriu outros sul-africanos interessados pela doença.

Por volta de outubro de 1990, um grupo de sul-africanos arrecadara dinheiro suficiente para arrendar uma velha casa e acolher cerca de uma dúzia de pessoas que estavam morrendo de Aids. O local foi chamado de Casa de Hóspedes. Gail encontrara um lugar onde achava que talvez pudesse fazer alguma diferença.

UM NOVO LAR PARA NKOSI

A CASA DE HÓSPEDES, metade abrigo, metade asilo, tornou-se um refúgio para seus residentes. Vários voluntários faziam visitas, inclusive Alan e os filhos, Brett e Nicolette. O lar era um sucesso. “Exceto financeiramente”, disse Gail. “Os residentes podiam pagar pouco. Tínhamos nossos arrecadadores de fundos. Mas nunca era o bastante.”

Em maio de 1991, Daphne soube da Casa de Hóspedes por intermédio do médico que tratava de Xolani. Ele recentemente confirmara seus piores temores: o filho estava infectado pelo vírus da Aids.

Daphne estava desanimada nessa época, tentando ajudar sua família, fazendo biscates, levando o filho para tratamentos, lutando com a verdade devastadora de que ela própria infectara o menino. E também estava cada dia mais preocupada com a hostilidade de alguns vizinhos. Certa vez, Daphne encontrou na porta do seu barraco um bilhete ameaçador. Dizia simplesmente: “Saia!”

Então tomou uma decisão radical. Na primeira semana de junho de 1991, com seu menininho a tiracolo, foi até Johannesburgo e encontrou a Casa de Hóspedes. Subiu as escadas e bateu à porta. Ela foi aberta por um diretor interino, que convidou Daphne a entrar e lhe serviu uma xícara de chá.

– O que posso fazer por você? – perguntou.

Daphne explicou que estava com Aids e que seu filhinho também estava infectado. À beira das lágrimas, perguntou:

– Ele pode vir e ficar nesse lugar?

O diretor chamou o médico que trabalhava como presidente informal do conselho da Casa de Hóspedes:

- Podemos aceitar uma criança aqui como residente?

O médico não conhecia motivo para limitar a moradia a adultos. Entretanto, eles precisavam ter certeza de que a criança estava com Aids.

- Mas, nesse meio-tempo, acho que ganhamos um bebê.

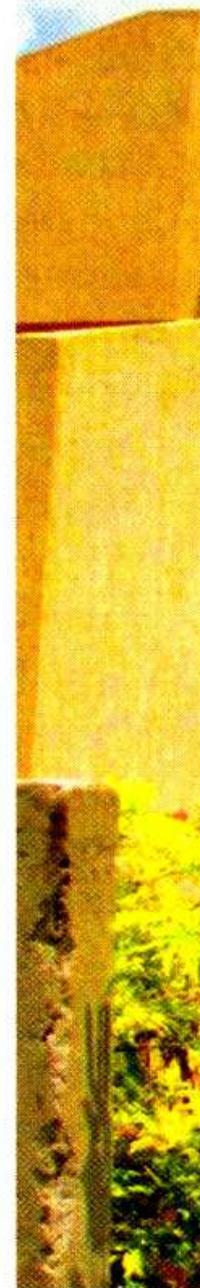
Depois que Daphne partiu, o diretor, pegando desajeitadamente o menino, entrou com ele no escritório.

- Cumprimentem seu novo irmãozinho - disse aos rapazes.

- O nome dele é Nkosi.

O menino tornou-se uma atração. Era mimado e acariciado não apenas por Gail e outros voluntários, mas também pelos residentes, os homens que tinham vindo para a Casa de Hóspedes para morrer. Havia brigas constantes para ver quem o alimentaria ou daria banho nele. Gail também gostava de Nkosi e o levava para sua casa nos fins de semana. "Era uma criança tão cativante!", recorda. "Todos nós nos apaixonamos por ele."

Mas o futuro da Casa de Hóspedes era sombrio. Simplesmente não havia dinheiro suficiente. E, em janeiro de 1992, o conselho decidiu fechar as portas. Um a um, os residentes encontraram outros lugares para morar, até que só restou o menino. Então Gail disse: "Ele pode ficar comigo."

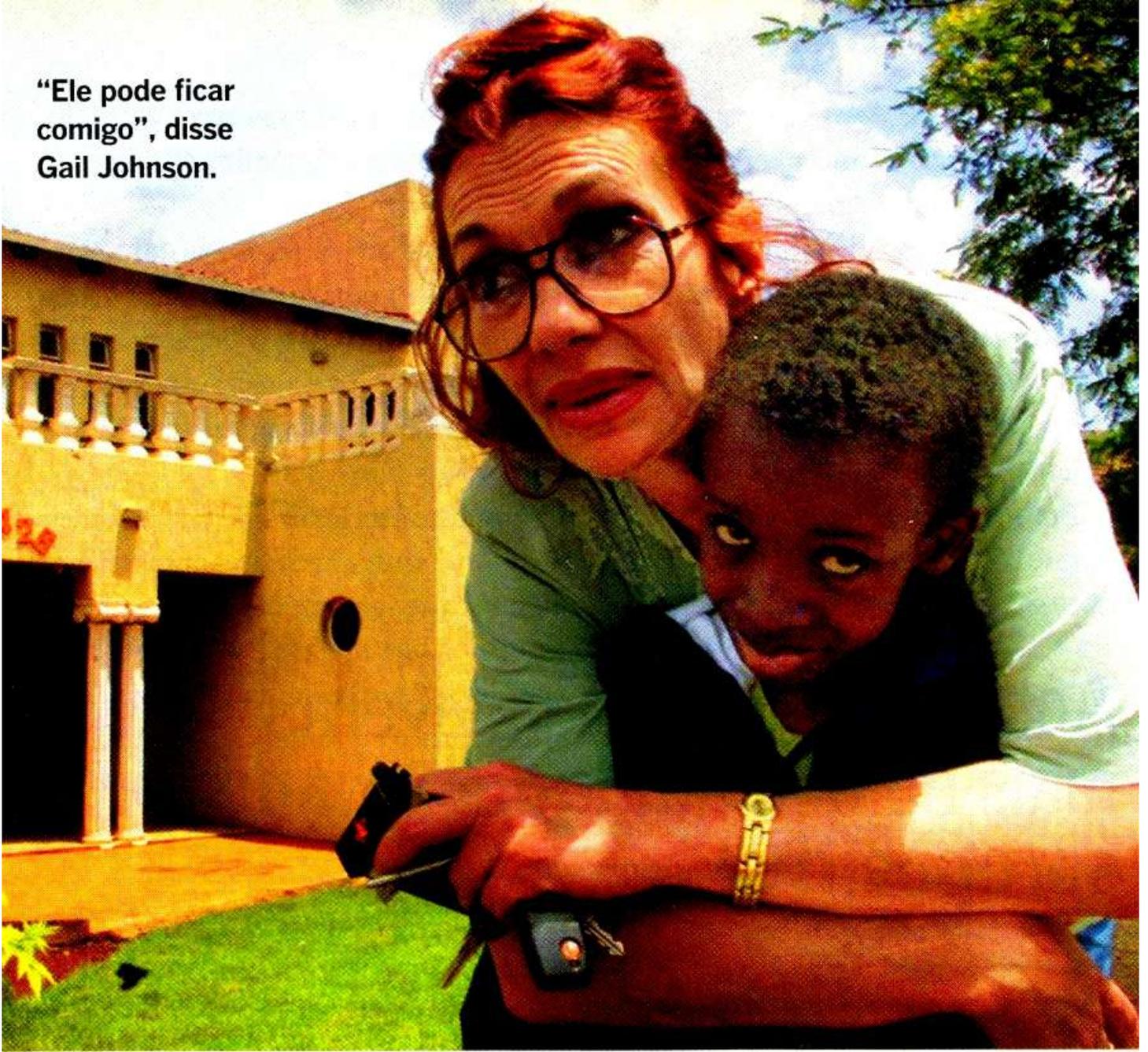


AGORA UM ÓRFÃO

O DIRETOR INTERINO levou Nkosi de carro até Daveyton e explicou o que acontecera na Casa de Hóspedes. Contou à família de Nkosi que Gail tinha se prontificado a acolhê-lo. Daphne concordou, dizendo que não tinha condições de cuidar do filho. Não era uma adoção legal, simplesmente um acordo informal. Gail disse depois: "Daphne o amava, e, por mais doloroso que possa ter sido enviá-lo para nossa casa, ela só queria o melhor para ele."

Agora o pequeno menino zulu, que jamais conhecera um lar de verdade, tinha um quarto claro e ensolarado só para ele, e uma mãe e um pai, bem como um irmão e uma irmã mais velhos. Com sua nova vida, veio um novo nome: Xolani Nkosi tornou-se Nkosi Johnson. Mas seu prognóstico ainda era desanimadoramente sombrio. Ele tinha apenas 3 anos, e os médicos disseram que só lhe restava mais ou menos um ano de vida. Talvez,

“Ele pode ficar comigo”, disse Gail Johnson.



com o amor de uma família, sua vida pudesse ser prolongada, mas não muito.

“Não tínhamos planos nem idéia do que fazíamos”, disse Gail. “Mas estávamos dispostos a tentar.” Desde o início, uma das ferramentas foi o riso. “Você não acreditaria como nos tornamos bobos: ajoelhados, falando com ele, fazendo-lhe cócegas.”

Aquilo se mostrou um tratamento poderoso. Por volta do seu quarto aniversário, em 1993, isso ficou aparente. Algumas das infecções de Nkosi diminuíram e sua respiração melhorou. Ele se alimentava mais e ganhou um pouco de peso. “Nós comemorávamos cada grama”, disse Gail.

Durante os primeiros anos com os Johnsons, aquela criaturinha tão gravemente enferma tornou-se um menininho de verdade, cheio de travessuras e curiosidade. Daphne ligava a cada dez dias mais ou menos. Ocasionalmente, visitava os Johnsons – não era algo fácil para ela – e fica-

va surpresa de ver como o filho parecia mais inteligente e vivo. Quando os três estavam juntos, Nkosi chamava Gail de “mamãe Gail” e a Daphne de simplesmente “mamãe”.

Mas as coisas estavam ficando cada vez mais difíceis para Daphne. Seu cansaço era arrasador. Ela relatava para Gail as experiências lamentáveis com o patrão e os vizinhos hostis. Essas histórias, mais do que qualquer coisa, convenceram Gail de que algo tinha de ser feito pelas mulheres em tais circunstâncias. Ela começou a se mobilizar para fornecer abrigo às mães que estavam morrendo de Aids.

Em fevereiro de 1997, a saúde de Daphne se deteriorara de modo alarmante. Gail percebeu a dificuldade que Daphne tinha para levantar o filhinho, que não pesava quase nada. “Eu achava que, a cada vez que ela apa-

Aos 8 anos, Nkosi já vivera mais do que **qualquer criança soropositiva.**

recia, não teria forças para pegá-lo no colo. E que cada visita seria a última.”

Daphne surpreendeu a todos ao encontrar forças para voltar ao seu lugar de nascimento. Foi lá, no que outrora fora a terra zulu, no lugar onde Daphne e ambos os filhos tinham nascido, que seu estado de saúde de repente piorou. Foi lá onde ela morreu.

Nkosi, então com 8 anos, foi ao funeral da mãe. “Eu já sabia que minha mãe estava muito doente”, disse ele. “E que ela e eu tínhamos a mesma doença, mas não sabia que ela morreria tão cedo. Isso me deixou muito triste.”

Com a mãe morta, Nkosi involuntariamente juntou-se a outra enorme família: a das crianças africanas deixadas órfãs pela Aids. No dia em que Daphne morreu, havia pelo menos 100 mil órfãos por causa da doença somente na África do Sul, e oito milhões no continente africano. É um número impressionante, mas, considerando-se que existem mais adultos agora vivendo com o vírus da Aids (HIV) do que os que já morreram da

doença, a expectativa por volta de 2010 é de que o número total de órfãos alcance 25 milhões de crianças.

EXATAMENTE COMO TODO MUNDO

NAS SEMANAS SEGUINTEs à morte de Daphne, Nkosi entrou em uma leve depressão. “Ele disse que não queria morrer”, lembra Gail. “E eu comentei: ‘Ninguém quer, querido, mas todos morremos’.”

Foi quando suas lágrimas começaram a escorrer. “Ele disse: ‘Eu sei disso, mamãe Gail. Mas não quero morrer ainda. Eu quero viver até ficar velho, como você’.”

Gail abafou o riso – tinha 48 anos – e disse ao menino que ela e todos que o amavam fariam tudo o que fosse possível para proporcionar a ele uma vida longa e feliz. “Isso pareceu satisfazê-lo”, disse Gail, “e ele logo voltou ao seu velho jeito alegre de ser.”

Nkosi não era uma criança perfeita. Resistia a cumprir tarefas, reclamava de ter de tomar os remédios diários. Era bagunceiro, vivia fazendo travessuras e pregando peças em Gail ou Nicolette. Apesar de sua doença terminal, ele não era uma criança diferente das outras. “Adorava contar piadas, mas nunca lembrava dos finais”, conta Gail, “o que, claro, era tão engraçado quanto quando se lembrava.” Ele e Gail também tinham paixão por banhos. E Nkosi adorava água quente.

Então, num dia de 1997, o adorável menino franzino disse: “Eu quero ir para a escola como todo mundo.”

Gail o beijou e respondeu: “Se quiser ir para a escola, você irá para a escola.”

Ela preencheu os formulários de inscrição honestamente; assim, as autoridades estavam cientes de que ele era soropositivo. Não havia lei que proibisse crianças portadoras de HIV de entrar para as escolas públicas da África do Sul. Nkosi tinha vivido mais do que qualquer outra criança nascida com o vírus na África do Sul.

Para alegria de Gail, ela ouviu da diretora do colégio que Nkosi fora aceito. Porém, alguns pais entraram em pânico. Muitos se opuseram veementemente. A polêmica pegou fogo, acompanhada por histórias nos jornais, até que a diretora vacilou em sua decisão. Por fim, ela organizou uma votação entre os pais e, inacreditavelmente, o resultado foi um empate.

Editoriais apareceram nos jornais nacionais, políticos assumiram posições. Gail foi à televisão para defender Nkosi. Finalmente, o Parlamento Sul-africano sancionou um estatuto antidiscriminação que tornava ilegal manter crianças soropositivas fora das escolas públicas. “Quando lhe contei que ele realizaria seu desejo, que iria para o colégio como todas as outras crianças”, Gail recorda, “ele ficou lá parado por um momento, tentando entender a importância do que eu havia dito. Então, seu rosto se abriu em um largo sorriso, o maior e mais brilhante que eu já havia visto.”

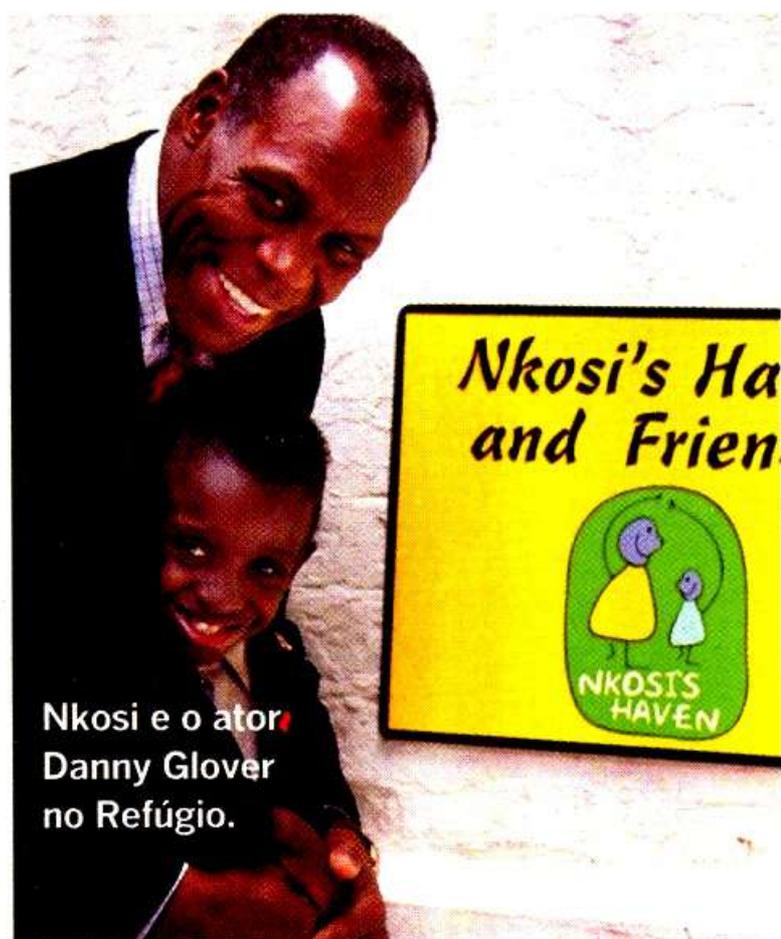
Durante os três anos na escola, Nkosi teve apenas um acidente. Ele caiu no *playground* e cortou a boca. O sangue foi manuseado com cuidado, mas também com tranqüila segurança por professores e funcionários. Além disso, seu desempenho em classe era promissor; suas notas, muito satisfatórias.

O progresso de Nkosi era acompanhado pela mídia, que o chamava de “corajoso”, “valente” e, claro, “uma gracinha”. Gail aproveitava a mídia para falar sobre a agonia de mulheres como Daphne e sobre crianças como Nkosi. Ela começou a angariar fundos, recrutou amigos, fundou uma instituição de caridade e conseguiu uma casa em Johannesburgo para várias mulheres e seus filhos. Ela a chamou de Refúgio de Nkosi.

Nelson Mandela, na época presidente da África do Sul, soube do Refúgio de Nkosi e convidou Gail e Nkosi para o visitarem em sua residência, em Pretória. Ele perguntou a Nkosi se gostaria de ter seu emprego de presidente, quando crescesse. “Ele teve uma resposta rápida”, Mandela recorda. “Disse: ‘Não, obrigado, senhor.’ Achava que seria trabalhoso demais.”

Quando o Refúgio de Nkosi foi inaugurado em abril de 1999, o menino não poderia estar mais exultante e feliz. Além dos banhos na banheira de Gail, a casa que levava seu nome virou seu lugar preferido. As mães e os filhos que lá encontraram abrigo transformaram-se em uma outra família que fornecia amor incondicional e pura veneração. “E creiam-me”, afirma Gail, “ele se alimentava disso.”

Nkosi e Gail tornaram-se expoentes na comunidade internacional da Aids. Foram convidados para visitar os Estados Unidos e passaram uma semana lá fazendo apresentações. Então, em julho de 2000, o XIII Congresso Internacional sobre Aids foi programado para ser realizado em Durban. Haveria 12.500 participantes de mais de 180 países, e o novo presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, seria o orador principal.



Nkosi e o ator
Danny Glover
no Refúgio.

Mbeki era um homem sofisticado, educado na Inglaterra e em outros países da Europa, e tivera importante participação nas longas negociações com o antigo governo do *apartheid*. Mas o que quer que tivesse feito pelo povo sul-africano fora eclipsado por seu estranho posicionamento a respeito da Aids.

No início de seu mandato, Mbeki teve pouco a dizer sobre o terrível sofrimento que assolava o país. Quando finalmente abordou o assunto

em detalhes, deflagrou uma polêmica incendiária. Sua associação com cientistas céticos, que lançaram dúvidas sobre o fato de o HIV realmente causar a Aids, levou pesquisadores do mundo inteiro a responder furiosamente, apontando-lhe os erros. Mas o presidente parecia ter tomado sua decisão.

Quando Nkosi foi convidado para falar no congresso, Gail não ficou imediatamente convencida de que seria uma boa idéia. A saúde do menino estava se deteriorando. Os exames de sangue mais recentes indicavam um terrível comprometimento de seu sistema imunológico. Por outro lado, Mbeki tinha de ser desafiado. E quem melhor para isso do que uma criança frágil que estava morrendo do vírus cuja própria existência Mbeki questionava? Então Gail perguntou a Nkosi se ele gostaria de fazer um discurso.

Seus olhos brilharam.

NÃO TENHA MEDO

“NÓS SOMOS TODOS IGUAIS”, ele dizia com aquela voz monocórdica constante, praticando seu discurso. Eu saíra de Londres para cobrir o

congresso sobre Aids e entrevistar os dois oradores principais: o presidente Mbeki e Nkosi Johnson. Dentro do Refúgio de Nkosi, encontrei Gail.

Ela chamou Nkosi, que estava no jardim.

- Sou Jim - eu disse, apertando sua mão miúda. - Posso ler seu discurso?

- Eu mesmo escrevi - revelou, entregando-me as folhas de papel.

Quando terminei, disse a ele o quanto estava impressionado.

- Está muito bom.

- Eu também acho - concordou.

Expliquei por que estava ali. Fiquei conhecendo as comidas prediletas de Nkosi e sua atividade favorita: tomar banhos quentes. Perguntei-lhe sobre a escola e, quando percebi que estava ficando cansado, sugeri encerrarmos.

- Você não me perguntou sobre a morte - cobrou ele.

- Você quer falar sobre isso?

- Sinto que vou morrer logo, como minha mãe morreu - disse. - Mas pelo menos ela chegou a ser uma adulta. E eu acho que jamais conseguirei ser um adulto.

Lágrimas escaparam de seus olhos.

- Odeio ter essa doença - continuou. - E desejaria que ela fosse embora, para eu não ter de morrer. Minha mãe Gail me diz: "Não pense na morte, só pense no que está à sua frente."

Uns dois dias depois, perguntei se queria ajuda para o seu discurso. Ele recusou.

Em Durban, as cerimônias de abertura foram encenadas como um pitoresco quadro vivo africano. Thabo Mbeki não teve uma recepção calorosa quando pediu aos cientistas que "respeitassem os pontos de vista de todos" e insistiu que a culpa de todas as misérias da África não deveria ser imputada a um único vírus.

Nkosi, muito elegante em um *blazer* e gravata novos, foi apresentado e ovacionado entusiasticamente. "Oi", começou. "Meu nome é Nkosi Johnson. Tenho 11 anos. Nasci soropositivo." Ele contou à multidão sobre sua mãe. "Detesto ter Aids", continuou, "porque me sinto muito mal e fico muito triste quando penso em todas as outras crianças e bebês com Aids. Meu desejo é que o governo forneça AZT a mães grávidas com HIV, para ajudar a evitar que o vírus seja transmitido a seus bebês."



Nkosi é aplaudido
no Congresso
Internacional sobre
Aids em Durban,
em julho de 2000.

O estádio aplaudiu delirantemente, e milhares de pessoas ficaram de pé. Mas Mbeki tinha desaparecido e não ouviu o fim do discurso...

“Somos todos iguais.

Não somos diferentes uns dos outros...”

Nkosi finalizou com palavras que eu não tinha ouvido: “Cuidem de nós e nos aceitem. Somos todos seres humanos. Somos normais. Temos mãos. Temos pés. Podemos andar, podemos falar – e temos necessidades exatamente como todo mundo. Não tenham medo de nós. Somos todos iguais.”

"VÁ EM PAZ, MEU QUERIDO MENINO."

VOLTEI PARA JOHANNESBURGO em dezembro e fui direto para a casa de Gail. Quando Nkosi atendeu à porta, não podia entender como seu peso tinha diminuído tão drasticamente em apenas quatro meses. Seus olhos estavam fundos, ele tinha perdido cabelo; só o fato de andar alguns passos até o sofá o esgotava. Dei-lhe um abraço e fiz as perguntas costumeiras. Então, ele disse:

– Tenho uma declaração.

– Ora, parem as rotativas! – brinquei.

– Parei de tomar meus remédios.

– Bem... – fiquei meio sem saber o que dizer. – Por que você fez isso?

– Não estavam me ajudando – explicou – e estavam me fazendo sentir muito mal todos os dias.

Depois perguntei a Gail o que estava acontecendo. “Sempre deixei que ele tomasse as próprias decisões sobre seu corpo”, ela disse. “Ele sabe melhor do que ninguém. Quando os remédios acabaram, falei que obteria mais e ele disse: ‘Mãe, eu não quero mais.’ Então perguntei: ‘Tem certeza?’ E ele respondeu que sim.”

Na noite seguinte, eu, Gail e Nkosi fomos a um concerto natalino na escola, e Nkosi desejou a todos um feliz Natal. No dia que se seguiu, assistimos a um jogo de seu time de futebol favorito e depois fomos ao *shopping*. Quando chegou a hora de ir embora, virei-me para Nkosi. Não agüentei abraçá-lo. Pensei que poderia machucá-lo em meus braços. Em vez disso, toquei-lhe a face, beijei-lhe a testa e fiz brincadeiras acerca de seu comportamento e de sua responsabilidade para garantir que Gail também se comportasse bem. Quando apertamos as mãos, a dele sumiu dentro da minha.

Gail afaga
Nkosi, enquanto
ele luta para
sobreviver.



Uma semana depois, mais ou menos, Nkosi perguntou se podia tomar um banho. Ele deslizou seu pequenino corpo para dentro do vapor da água quente e sorriu. Alguns minutos depois, seu corpo ficou rígido, sacudido por violentos espasmos, e seus olhos viraram para dentro. Ele foi levado rapidamente para o hospital mais próximo. Mas a convulsão causara grande lesão ao cérebro. Estava em estado de coma, olhos fechados, incapaz de falar, incapaz de sorrir.

Em Londres, recebi a notícia de seu precário estado de saúde. Peguei um avião naquela mesma noite.

Ele estava deitado debaixo de um cobertor, com ambos os braços para fora. Eu olhava para um esqueleto. Toquei sua mão, depois a envolvi na minha. Não havia a menor indicação de pulso. Olhei para ele por um momento, recordando o menino que fora. Inclinei-me e beijei-lhe a testa. “Até a vista, campeão”, eu disse.

Por mais cinco meses, ele se manteve debilmente agarrado à vida. Bem cedo, na manhã de 1º de junho de 2001, Gail acordou em seu quarto. Ela pressentiu que Nkosi precisava dela. Foi na ponta dos pés pelo corredor e sentou-se ao seu lado. Pegou-lhe a mão e falou suavemente com ele. Às

5h40, Xolani Nkosi Johnson morreu. Gail o beijou. “Eu amo você”, ela disse. “Vá em paz, meu querido menino.”

Gail e a mãe de Daphne, Ruth Khumalo, fizeram os preparativos do funeral. Houve uma cerimônia fúnebre em Johannesburgo, depois o corpo de Nkosi foi levado para Daveyton, onde sul-africanos negros homenagearam o menino. O funeral formal aconteceu em Johannesburgo.

Um ano depois, eu estava de volta à África do Sul. O presidente ainda se agarrava teimosamente às suas convicções, apesar do fato de seu próprio secretário de Imprensa, àquela época, ter morrido de Aids. Mas o partido de Mbeki negava que a Aids tivesse matado ao secretário e a Nkosi, dizendo que tinham sido envenenados pelos remédios. Enquanto isso, o número de infecções por HIV na África do Sul chegava a 1.800 por dia.

Com arrecadações crescentes, Gail ampliou o Refúgio de Nkosi até a casa ao lado, e para uma fazenda de cinco hectares fora de Johannesburgo. O quarto de Nkosi quase não mudara, exceto por já ter um novo ocupante. No dia seguinte ao Natal de 2002, as autoridades de amparo à infância levaram um menininho para a casa de Gail. Ele não tinha nem uma semana de vida e fora abandonado pela mãe.

Ela o aceitaria?, perguntaram. Gail o aninhou nos braços.

QUESTÕES PARA PENSAR

- Qual é a capital do estado civil?
 - Pessoas de má-fé são aquelas que não acreditam em Deus?
 - Quem é canhoto pode prestar vestibular para Direito?
 - Levar a secretária eletrônica para a cama pode ser considerado assédio sexual?
 - Quantos quilos por dia emagrece um casal que optou pelo regime parcial?
 - Tem algum direito a mulher em trabalho de parto sem carteira assinada?
 - Cabe relaxamento de prisão nos casos de prisão de ventre?
 - A marcha processual tem câmbio manual ou automático?
- Provocar o Judiciário é xingar o juiz?

